

**CAMPOS, CARLOS EDUARDO DA COSTA & CANDIDO,
MARIA REGINA (ORGS).
*CAESAR AUGUSTUS: ENTRE PRÁTICAS E
REPRESENTAÇÕES*. VITÓRIA/RIO DE JANEIRO:
DEPARTAMENTO DE LÍNGUAS & UERJ – NEA, 2014,
375P.**

Gregory Gallo¹

A obra que é o conteúdo dessa resenha, *CAESAR AUGUSTUS: Entre Práticas e Representações*, foi organizada pelos professores Carlos Eduardo da Costa Campos e Maria Regina Candido, tendo sido publicada no primeiro semestre de 2015. Trata de uma figura política, ou, personagem muito significativa para aquilo que se convencionou chamar “Ocidente”: o imperador Augusto.

A imagem de Augusto, e junto dela a do Império Romano, serviu de suporte ideológico para diversos reinos, impérios e líderes que buscavam legitimação frente aos jogos políticos que atuavam. Nesse sentido, o historiador Jacques Le Goff, no livro *A Civilização do Ocidente Medieval*, identifica no período do medievo não apenas um “renascimento” (ou, o “grande Renascimento”, quando o autor se refere às transformações político/culturais ocorridas nos séculos XIV, XV e XVI), mas “renascimentos” que surgiram desde a época Carolíngia e que perpassaram o século XII. “Renascimentos” esses que procuraram vincular o seu tempo com os dias de Roma Imperial e Augusta. Ademais, segundo Richard Hingley, no livro *O Imperialismo Romano: Novas perspectivas a partir da Bretanha*, também no período do século XIX os impérios europeus, tais como o Inglês e francês, utilizaram-se da imagem do primeiro imperador romano e seu império para legitimarem seus domínios nos continentes africano, asiático e sul-americano. O século XX presenciou algo semelhante nas

¹ Programa de Pós-graduação em História, Bolssita Fapesp. Universidade Federal de São Paulo – Guarulhos, SP, Brasil. e-mail: gallo.terceiro@hotmail.com

décadas de 1930 e 1940, pois segundo Glaydson José da Silva, no livro *História Antiga e Usos do Passado: um estudo de apropriações da Antiguidade sob o regime de Vichy (1940 e 1944)*, os regimes totalitários de Hitler, Mussolini, Franco e na França Vichy, no afã de assegurarem as identidades nacionais calcadas na ideia de civilização, espelharam-se em Augusto e Roma. Portanto, o imperador Augusto não foi expoente apenas em seus dias, mas além de ter sido projetado para além das fronteiras imperiais do primeiro século, também o foi para além das fronteiras temporais.

A obra está dividida em quatro partes que abarcam desde a religião, relação de Roma com as províncias, restaurações de Augusto e as apropriações de sua imagem por culturas diversas. Ana Teresa Marques Gonçalves, que escreveu a apresentação do livro, explica bem a divisão: “Na primeira parte da coletânea, agregam-se estudos sobre a relação de Roma com os provinciais na época augustana; na segunda, as práticas religiosas e as inovações e restituições implementadas por Otávio [...]; na terceira, temos pesquisas [...] sobre as relações político-sociais engendradas por Otávio e os que o cercavam [...]; e na quarta, há análises de algumas das representações que foram elaboradas de Otávio em tempos e culturas diversas da romana [...]”.

Nesse sentido, na primeira parte, a relação de Roma com as províncias é analisada em diversas regiões do império: os dois primeiros artigos, *Atenas sob o domínio do imperator Cesar Augusto*, de Maria Regina Candido e Alair Figueiredo Duarte, e *O Princeps Augusto e as relações políticas com a sociedade espartana*, de Luis Filipe Bantim de Assumpção, tratam das interações entre romanos e gregos. Por meio desses dois artigos é possível perceber que essa relação existia já no século II a.C. com as três guerras macedônicas e nos conflitos contra Nabis de Esparta. Mas Roma também interagiu com a Hélade cooptando as elites através de acordos e ressignificações na religião grega. Os autores mostram bem como essa relação de cooptação das elites e práticas religiosas ajudaram Augusto na guerra contra Marco Antônio e Cleópatra. No artigo *L'Egitto e i poteri di Augusto: una breve riflessione sulle Provinciae Caesaris*, de Davide Ambrogio Faoro, o autor mostra como o Egito foi peça fundamental para os jogos de poder em que Augusto esteve envolvido. E para finalizar a primeira parte, o artigo *Espaço e poder no principado augustano: a criação da província da Lusitânia em perspectiva* de Airan dos Santos Borges, elucida como que a partir das reformas de Augusto a *Hispania* sofreu modificações na sua organização espacial desde cidades, colônias e até aldeias, possibilitando, dessa forma, a criação da Lusitânia.

A religião é analisada por variados prismas na segunda parte do livro: o artigo *Religious policy and the rule of Augustus – Between political exploitation and righteous restoration* do Christoph L. Hesse trata como as restaurações de Augusto na religião para preservar o *mos maiorum* o ajudaram no complexo jogo político romano. O primeiro imperador precisava manter a República tendo o poder centralizado na sua

pessoa, o que constituía um paradoxo. Sua figura religiosa, portanto, lhe deu meios para driblar tal complexidade. No artigo *Práticas sacrificiais humanas por Caio Otávio? Uma proposta de debate*, Carlos Eduardo da Costa Campos analisa um tema caro para a historiografia: práticas sacrificiais humanas. Segundo Campos, essa prática só era aceitável no Império Romano se fosse executada pelo Estado e, por conseguinte, o que tornou justificável os sacrifícios humanos realizados por Augusto. Em *Augusto, Tito Lívio e as ambiguidades do divino Rômulo*, Moisés Antiquiera estuda a forma ambígua como Tito Lívio operou as aproximações de Augusto com Rômulo divinizado, tendo em vista o amplo poder que o imperador vinha adquirindo. Portanto, Tito Lívio manipulou o relato para proporcionar lições políticas para o presente. O artigo *Augustales e outros Collegia sacerdotais sob Avgustus: testemunhos epigráficos na Campania*, de Maricé Martins Magalhães tem caráter de micro história. Magalhães identificou que na maior parte dos testemunhos epigráficos da Campania são de libertos e ex-escravos. Essas evidências, na sua maioria, são dedicatórias à *Domus Augusta*. Para o autor, essas epigrafias podem revelar muito sobre as condições e hierarquias dos “servos” da *Família Caesaris* e contribuir para o entendimento da escravidão no mundo antigo. Há um interessante diálogo nos artigos *A Domus Augusta no Vicus Sandaliarius: imagem e presença augustana num altar romano (2 AEC)*, de Claudia Beltrão da Rosa e Debora Casanova da Silva, e *Augusto, a Gália e o culto imperial*, de Tatiana Bina. Em ambos a *Domus Augusto* compõem a análise. No primeiro, as autoras estudam um altar romano dedicado à *Domus Augusta* que ficava na *Vicus Sandaliarius*, próximo ao Paladino. O importante dessa análise é a percepção de como Augusto se utilizou desses pequenos altares, fruto de sua restauração e renovação religiosa, localizados em lugares estratégicos na cidade de Roma para promover sua imagem e de sua família. No segundo artigo há o estudo do culto imperial na Gália por meio de moedas, templos e outras evidências materiais. Bina, utilizando-se da estatística, mostra com destreza as particularidades e natureza do culto imperial e a forma como a *Domus Augusta* foi representada em diversas regiões gaulesas. Levando-se em considerações esses dois artigos, pode-se inferir que não era apenas o *genius* do imperador alvo de adoração e representação, mas sua família também o era.

Gênero, Sexualidade, escravidão e questões sucessórias compõem a terceira parte da obra: o artigo *O gênero do poder: Plutarco e a contenda de Otávio e Cleópatra*, de Gregory da Silva Balthazar, esclarece que Plutarco, na verdade, não fomentou uma visão misógina em relação à Cleópatra, mas que esse escritor antigo procurou compreender uma mulher, que além de ser rainha de um importante reino, soube manter relações de poder com Augusto, o que fugia do ideal de comportamento e postura feminina greco-romana. No artigo *Sexualidade e Política à época de Augusto: considerações acerca da ‘Lei Júlia sobre adultério’*, Sarah Fernandes Lino de Azevedo analisa como que algo privado, o adultério, passou a ser público. Fato esse que permitiu a Augusto, depois de

implantar essa lei, interferir no cotidiano das casas romanas. João Victor Lanna e Ygor Klain Belchior, no artigo *Augusto e a Escravidão*, tratam como a escravidão antiga era bem diversa da ocorrida no período moderno e contemporâneo da História. Os autores mostram, também, que os escravos da *Domus Caesaris* conseguiram alcançar posições e status melhores que os escravos de outros seguimentos da sociedade romana e que a escravidão, portanto, era algo importante para a manutenção do império. No artigo de Henrique Modanez de Sant'Anna, *'Nunquam ex malo patre bona filia': a questão sucessória no principado de Augusto*, fica evidente a tensão que Augusto precisou enfrentar a respeito da sucessão, pois necessitou encontrar meios para que ela fosse legítima, tendo em vista que não era algo oficial por não estar de acordo com a tradição da República.

A imagem de Augusto, na quarta parte do livro, foi retirada de seu tempo e espaço e utilizada como modelo e inspiração por diversos líderes e reinos. Nesse sentido, André Bueno, no artigo *Augusto Índico: a apropriação da Imagem de Augusto pelos soberanos Kushans nos sécs. 1 - 2 EC*, mostra como que Kanishka I, da dinastia Kushan, localizada no norte da atual Índia, inspirou-se na imagem *Augusto de Prima Porta* para cunhar moedas e, dessa forma, buscar se legitimar como grande líder e mantenedor do budismo em seu reino. André Bueno elucida como a *Pax Romana* e *Pax Christi* se fundiram. Na Escandinávia, assim como em boa parte da Europa, paz, baseada na fusão citada, era sinônimo de inimigos/infiéis vencidos e dominados. Dessa forma, os reinos escandinavos operaram uma cruzada na região báltica nos sécs. XII e XIII. E, por conseguinte, a literatura romana fundida à cristã influenciou a dos escandinavos. Essa análise está no artigo *Pax Augusta e Pax Christi na Literatura Escandinava Medieval*. Glaydson José da Silva e Rafael Augusto N. Rufino, no artigo *O bimilenário do nascimento de Augusto na Espanha Franquista (1939 - 1940): leitura e escrita da História entre o passado e o presente*, analisam como a imagem de Augusto serviu para legitimar a identidade espanhola, calcada na ideia de civilidade e romanidade, em duas circunstâncias no período franquista: a visita do ministro italiano Galeazzo Ciano em 1939 e A Semana Augustea de Zaragoza em 1940 (no segundo evento uma réplica da estátua de *Augusto de Prima Porta* foi utilizada). E finalizando a quarta parte e o livro, o artigo *Augusto e a coleção do Museu Histórico Nacional: alguns exemplos numismáticos*, Cláudio Umpierre Carlan estuda a formação do Museu Histórico Nacional, focado na numismática, que teve seu início com a vinda da família Real para o Brasil. Nesse Museu há diversos exemplares de cunhagens que trazem representações de Augusto no processo de construção de sua imagem.

O conjunto das quatro partes do livro, com suas mais variadas análises e objetos, proporcionam ao leitor um amplo entendimento da pessoa do imperador Augusto, sua imagem e apropriações, seus feitos políticos e a dinâmica, valores e cultura do Império Romano de forma geral. A forma como os estudos foram dispostos e combinados facilitam esse entendimento. Portanto, *CAESAR AUGUSTUS: Entre práticas e*

representações se mostra um trabalho de excelente qualidade e rico conteúdo, recomendando-se vivamente a sua leitura.

